

Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil

Vanderici de Andrade Aguilera¹

Helen Cristina da Silva²

Introdução

Ao lado de fenômenos fonéticos que podem caracterizar uma proposta de divisão dialetal do Brasil, como a realização das vogais pretônicas ou a das consoantes fricativas surdas e sonoras [s] e [z] em coda silábica, o /r/ retroflexo vem ocupando, nos últimos 50 anos, seu espaço na discussão de pesquisadores, como Silva Neto (1960); Head (1973, 1978 e 1987); Brandão (1995, 1997, 2007); Monaretto (1995); Callou (1997); Almeida (2004); Cohen (2006) e Aguilera (2009).

Verificamos que o /r/ retroflexo, embora seja registrado em diversos estados brasileiros, se concentra no interior do Paraná, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul; no Sul de Goiás, do Mato Grosso e de Minas Gerais. Sabendo-se que há sempre uma pergunta no ar sobre a vitalidade ou debilidade desta variante rótica no território brasileiro, este artigo tem como objetivo verificar a atual situação do /r/ retroflexo em coda silábica no falar sulista de Minas Gerais, em particular na cidade de Lavras, comparando dados atuais coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB com os registrados no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al., 1977).

Até onde nos foi possível verificar, esta variedade de rótico não foi trazida pelos portugueses durante a ocupação da terra recém descoberta, nem constava do acervo fonético dos autóctones brasileiros.

¹ CNPq-UDEL

² CAPES-UDEL

A hipótese mais viável, da qual comungamos, seria atribuir a origem do /r/ caipira no PB ao contato do português com o tupi, uma vez que o tupi seria uma língua desprovida dos fonemas /r/ e /l/, pelo menos em coda silábica. Se tomarmos como parâmetro topônimos, zoônimos e fitônimos herdados do tupi, constatamos que, realmente, tais fonemas não aparecem no contexto de coda nos nomes oriundos dessa língua indígena, como se pode observar em alguns exemplos: Tatuapé, Guaraci, Curitiba, Tietê, Paraná, Tibagi, tatu, guará, arara, jabuti, urubu, pitanga, jabuticaba, pacova, araçá, em que o padrão silábico é sistematicamente CV.

Por outro lado, se pensarmos na realização lusitana alveolar e velar do /l/ em coda silábica, como em *mal, sol, falta, calma*, é fácil deduzir a dificuldade de nossos indígenas e dos mestiços na realização da lateral em contexto CVC. A tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um /r/ retroflexo. Tal fone teria se formado entre os paulistas, mamelucos e indígenas e se irradiado pelos territórios conquistados e ocupados pelos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII.

Para comprovar esta hipótese, recorreremos aos registros feitos em atlas linguísticos já publicados ou concluídos no Brasil.

1. O /r/ retroflexo nos atlas estaduais e no regional³

O *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB (Rossi, 1963) – contém 24 cartas em que o /r/ retroflexo foi documentado. Dos 50 pontos, em 23⁴ deles ocorre pelo menos um registro deste rótico, havendo informantes que apresentam sistematicamente esta variante, como o 20B com 10 registros e o 29A com 12 ocorrências. Dentre os itens lexicais que mais favorecem o [ɾ], temos: a[ɾ]co (íris, da velha, celeste), ca[ɾ]canhar, te[ɾ]çol, laga[ɾ]tixa, la[ɾ]gatixa, cabo ve[ɾ]de, mestiço preto com cabelo liso, e tipo de boi branco: a[ɾ]vação. Dos 100 informantes do APFB, 24 apresentam pelo menos um registro do retroflexo, e destes, 15 são mulheres e nove são homens. A faixa etária não parece condicionar a presença ou a ausência deste rótico uma vez que as 14 mulheres⁵ se distribuem equilibradamente pelas duas faixas (Faixa I entre 25 e 45 e

³ O único atlas brasileiro que contempla os estados de uma região e não apenas um estado é o ALERS – Atlas linguístico e etnográfico da região Sul (Koch et al., 2002).

⁴ O levantamento de todas as respostas mostrou a presença do retroflexo nos seguintes pontos e informantes: 1A (1), 5GL (2), 6A (2), 8B (2), 9A (1), 9B (2), 11A (1), 11B (1), 20 A (2), 20B (10), 21 A (1), 22 A (1), 22B(3), 23 A (1), 23B (2), 25 A (1), 29 A (12), 33 A (2), 34A (1), 35B (1), 42A (4), 43A (1), 43B (1), 50A (1).

⁵ Não consta a idade da informante 11A.

Faixa II, entre 50 e 80 anos). Já entre os homens, sete deles estão na faixa II. Quanto à distribuição diatópica, considerando que a Bahia compreende sete mesorregiões (do Extremo Oeste, do Vale São Franciscano, do Centro Norte, do Centro Sul, do Sul, do Nordeste, e a Metropolitana de Salvador), o /r/ retroflexo é mais frequente na Mesorregião do Centro Norte e do Centro Sul e na do Vale São Franciscano, não tendo sido registrado, apenas, na Mesorregião do Extremo Oeste.

No *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* – EALMG – (Ribeiro et al., 1977), um dos *corpora* desta pesquisa, o [ɾ] está registrado em 51 pontos dos 116 investigados, sobretudo nas localidades que compõem as zonas do Triângulo, Alto Paranaíba, Alto São Francisco, Campos das Vertentes e Sul. Está, pois, na rota dos bandeirantes do século XVIII, que iam à busca de ouro e de pedras preciosas pelos caminhos do atual território mineiro em direção a Cuiabá.

Quanto aos registros em Lavras, ponto 89 do EALMG, nosso objeto de estudo neste artigo, a variante retroflexa foi registrada nas cartas 2 (*arco-íris*) e 3 (*arco da velha*). A carta 8 (*mormaço*) traz o /r/ vibrante velar sonoro e a de nº 29 (*salto mortal*) o mesmo informante realiza o rótico como vibrante alveolar sonoro. Esta oscilação no mesmo informante está documentada na carta 47, que trata da isófona do [ɾ], na qual Lavras, ponto 89, se situa na área de intersecção da predominância do [ɾ] e sua alternância com outras variedades de /r/. É importante lembrar que, para o EALMG, foi entrevistado um informante principal em cada localidade, havendo casos em que, além deste, puderam os pesquisadores contar com um ou dois informantes auxiliares cuja função era ratificar a fala do principal. No caso de Lavras, consta um único informante, nascido na localidade, com pais também naturais de Lavras, de 36 anos de idade e com primário incompleto.

No *Atlas linguístico de Sergipe* – ALSE – (Ferreira et al., 1987) e no *Atlas Linguístico de Sergipe II* – ALSE II – (Cardoso, 2005), o /r/ retroflexo está sistematicamente documentado nos pontos 61 (Brejo Grande), 62 (Propriá), 64 (Gararu) e 65 (Currálinho), os dois primeiros na microrregião de Propriá e os dois últimos na microrregião do Sertão Sergipano do São Francisco. As cartas do ALSE, em que o /r/ está em coda e se realiza como [ɾ] nessas localidades, são as de nº 3- *arco-íris*; carta 4- outras designações para *arco-íris* (a[ɾ]co-da-velha e a[ɾ]co-celeste); carta 13- *ma[ɾ]gem*; carta 17- *onda* (ca[ɾ]neiro e carneiro de ma[ɾ]), 45- *papa grossa de farinha de mandioca* (esca[ɾ]dado forma roticizada de escaldado), carta 50- *cinza ainda quente* (resca[ɾ]do por rescaldo), 65- *ca[ɾ]canhar*, 69- *soutien* (po[ɾ]ta-seio, co[ɾ]pinho, co[ɾ]pete), 79- olho *esbugalhado*

(esbu[ɾ]gado), 84- *tipo de mestiço de pele preta, cabelo liso* (cabo ve[ɾ]de), 94- *abo[ɾ]to*, (97- *cisco que cai no olho* (a[ɾ]gueiro), 99- conjuntivite (do[ɾ]dólho, do[ɾ]dóio, do[ɾ]dói), 113- cambalhota (sa[ɾ]to mo[ɾ]ta, 137- designações do boi conforme a idade – 2ª fase (*ma[ɾ]mote* por *mamote*), 144- *onde se põe o gado a pastar* (*so[ɾ]ta* por *solta*), 147- *rabo do cavalo* (*ca[ɾ]da* por *cauda*). Alguns registros de [ɾ], alternando com o velar, ocorrem ainda nos pontos 52 Tomar do Geru e 53 Estância, que integram as microrregiões do Sertão do Rio Real e do Litoral Sul Sergipano, nas cartas 65, 69, 94, 97 e 137, sempre na voz masculina, ou seja, a do informante B. Quanto ao ALSE II, com registros de /r/ retroflexo, temos os pontos já mencionados: 62, 64 e 65, sobretudo este último, conforme se comprova com as cartas de nº 33- *bolha de queimadura* (bo[ɾ]bulha, ba[ɾ]bulha), 40- *calça de comprimento aquém do normal* (sa[ɾ]ta riacho), 47- *corrente que se usa pendente no pescoço* (vo[ɾ]ta), 49- *pirão preparado com água em que se cozinham ovos* (esca[ɾ]dado, esca[ɾ]fado), 54- *quarto de dormir* (qua[ɾ]to) e 91- *cuíca* (po[ɾ]ca). Nessas cartas, o [ɾ] distribui-se de forma equilibrada nas falas feminina e masculina. Quanto à variável externa, ponto linguístico, essas localidades se situam ao longo do curso do rio São Francisco, via usada para a passagem sul → norte dos bandeirantes e mineiros durante os séculos XVII e XVIII.

O *Atlas linguístico do Paraná* – ALPR- (Aguilera, 2009) traz nove cartas mistas⁶ com o /r/ em coda silábica interna (*terça, árvore, pernilongo, hortelã, borboleta, arco-íris, lagarto, parteira* e *tuberculose*), cinco com /l/ em coda, interna ou externa, passível de roticização⁷ (*algapão, sol, girassol, anzol* e *calcanhar*) e duas cartas com r em coda final (*coador*⁸ e *flor*). As nove cartas que trazem as variantes com o [ɾ] em coda silábica interna mostram que o [ɾ] predomina em quase todas as mesorregiões⁹, exceto nos pontos 27 (Guaíra) e 32 (Marechal Cândido Rondon), na mesorregião Oeste; 48 (Capanema) e 56 (Barracão), na mesorregião Sudoeste; e 54 (Curitiba), na mesorregião Metropolitana de Curitiba, nos quais o tepe [r] é categórico. No ponto 49 (Dois Vizinhos), também na mesorregião Sudoeste, o [ɾ] concorre com o [r]. A maior frequência do [r] foi observada nas palavras *arco-íris, lagarto (largato), parteira* e *tuberculose*. Do

⁶ O ALPR traz também uma carta sintética para a distribuição diatópica de *parteira*.

⁷ É alta a frequência do rótico, nessas palavras, na modalidade retroflexa; no entanto deixamos de computar os casos por não se tratar de regra categórica no Paraná.

⁸ O zero fonético é o mais frequente na realização dessa variante.

⁹ O Paraná compreende dez mesorregiões geográficas: 1. Noroeste; 2. Centro-Occidental; 3. Norte Central; 4. Norte Pioneiro; 5. Centro-Oriental; 6. Oeste; 7. Sudoeste; 8. Centro-Sul; 9. Sudeste; 10. Metropolitana de Curitiba (www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf). Acesso em 05/03/2011.

ponto de vista histórico, o Paraná passou por três grandes movimentos de ocupação e povoamento a partir do século XVII: o primeiro refere-se ao contato intenso entre os paulistas da Capitania de São Vicente e os indígenas do grupo tupi que habitavam onde hoje se acham, atualmente, as cidades que compõem as mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental, Centro Sul e Sudeste Paranaense, desde as primeiras entradas até meados do século XIX; o segundo, com a chegada de mineiros e paulistas, no final do século XIX, à atual mesorregião do Norte Pioneiro; e o terceiro, com dois grandes movimentos: um de mineiros e paulistas em direção ao norte do estado e o outro, do sul para o oeste, pelos gaúchos e catarinenses, descendentes de imigrantes alemães, poloneses e italianos. Os dois primeiros grupos tinham como variante dialetal o [ɾ] e o último o [r] ou [r] em coda silábica. O contato entre ambos propiciou a expansão da primeira variante para todas as regiões paranaenses.

No *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul* – ALMS (Oliveira et al., 2008), o retroflexo é a norma em todos os pontos da rede.

No *Atlas linguístico e etnográfico da Região Sul* – ALERS (Koch et al., 2002), cinco cartas oferecem o contexto de /r/ em coda: 49 (*gordura*), 50 (*corta*), 51 (*corda*), 52 (*fervendo*) e 53 (*calor*). No Paraná, foram investigados 100 pontos linguísticos; em Santa Catarina, 80; e, no Rio Grande do Sul, 95 pontos, totalizando 275 localidades e o mesmo número de informantes, uma vez que só foi inquirido um informante por localidade, no caso um homem.

Altenhofen (2005, p. 188-189), com base nas cartas do ALERS, analisa a distribuição do /r/ retroflexo, *talvez a marca linguística mais significativa na área*, juntamente com outros traços fonéticos,

que formam um grupo de isoglossas que avançam, em forma de cunha, na direção sul (de Santa Catarina), seguindo o Corredor de Lajes, por onde passavam as antigas rotas migratórias dos paulistas, no comércio de gado com o gaúcho rio-grandense.

Continuando em sua análise sobre a influência de fatores histórico-econômicos na disseminação dos traços do falar paulista sobre a fala dos estados do Sul, Altenhofen (2005, p. 189) pondera:

Embora nos falte uma visão mais clara que complementa os mapas do ALERS na área de São Paulo, parece evidente uma influência paulista nesse movimento, iniciado a partir das antigas rotas de tropeiros nos séculos XVII e XVIII.

O Quadro 1 permite visualizar a produtividade da variante retroflexa em cada palavra investigada e em cada um dos três estados da região Sul, no ALERS:

Quadro 1

Carta tema / Estado	Paraná	Santa Catarina	Rio G. do Sul	Região Sul
49. <i>gordura</i>	35%	2%	1%	15%
50. <i>corta</i>	65%	22,5%	0,5%	22,5%
51. <i>corda</i>	65%	30%	0,5%	20%
52. <i>fervendo</i>	39%	4%	0%	15%
53. <i>calor</i>	46%	2%	0%	18%

No Paraná, o /r/ retroflexo está presente em todas as mesorregiões, principalmente no Norte Pioneiro e no Oeste. Dos 100 pontos paranaenses investigados pelo ALERS, 72 deles apresentam esse rótico. Os dados analisados, separadamente, demonstram que, na carta 49, a concentração do [ɾ] se dá nas mesorregiões do Norte Pioneiro e Norte Central; na carta 50 (*corta*) e 51 (*corda*), a retroflexão é significativa no Oeste e Sudoeste; na carta 52 (*fervendo*), as áreas de maior ocorrência compreendem o Norte Central, o Noroeste, o Norte Pioneiro e a região Metropolitana de Curitiba; e, na carta 53 (*calor*), os resultados são quase os mesmos da anterior, excluindo a região Noroeste e acrescentando a Centro Sul.

Das 80 localidades investigadas pelo ALERS, no estado de Santa Catarina, 23 apresentam a variante retroflexa. O ponto Chapecó, localizado na microrregião Colonial do Oeste Catarinense, é o único que apresenta o [ɾ] nas cinco cartas; nas demais, este rótico ocorre com maior frequência nas microrregiões de Planalto de Canoinhas (cartas 49, 50, 51 e 52), Colonial Rio do Peixe (50, 51, 53) e Campo dos Curitibanos (carta 51). É importante ressaltar que a área de maior concentração, ou seja, a região do Planalto de Canoinhas, faz divisa com o sul do Paraná e as outras regiões citadas estão bem próximas do estado paranaense, fato que pode ter propiciado a expansão do [ɾ].

No que se refere ao Rio Grande do Sul, apenas 5 localidades, espalhadas pelo estado, apresentam o /r/ retroflexo: Catuípe, São Luiz Gonzaga, Soledade, Santa Cruz do Sul e Barra do Ribeiro.

2. O que dizem os dados coletados para o ALiB, no Paraná, em São Paulo e em Lavras, no sul de Minas Gerais

O primeiro estudo com dados do ALiB em localidades do interior foi feito por Aguilera (2009, p. 11-12), em 16 localidades paranaenses, além da capital. A autora expõe que:

Os dados do ALiB – PR apontam as seguintes direções do /r/ em coda silábica: (i) o [ɾ] se mantém resistente junto a falantes urbanos na mesma proporção registrada anteriormente, em coletas realizadas há cerca de duas décadas, em atlas de base rural, como o ALPR e o ALERS; (ii) em apenas três das dezessete localidades pesquisadas predomina o [r]: Barracão, Curitiba e Toledo – e nestes dois últimos concorre com o [ɾ], principalmente na fala dos mais jovens; (iii) os casos de rótico em coda interna mostram que há contextos mais favoráveis ao [ɾ] em detrimento de outros (...); (iv) a metátese, em encontros consonantais, é pouco produtiva em palavras de uso mais frequente, com produtividade mais acentuada na palavra *braguilha* > *barguilha*; (v) os róticos em coda externa ora se mantêm, ora sofrem apócope, principalmente nos verbos no infinitivo; os nomes mantêm, com mais frequência o rótico que se realiza, em sua maioria, como [ɾ] e, finalmente, (vi) os casos de roticização da líquida estão cada vez mais raros.

Outro estudo sobre a distribuição dos róticos em coda, com dados coletados para o ALiB, foi realizado por Castro (2009) em 38 localidades do estado de São Paulo (capital e interior). A autora concluiu que, em coda interna, 27% dos informantes da capital realizaram o /r/ retroflexo e nas localidades do interior este percentual chegou a 93%. Em final de palavra, observou 17% de realizações com [ɾ] entre os falantes paulistanos e 92% entre os paulistas.

No estado de Minas Gerais, além da capital, o ALiB selecionou 22 localidades do interior das quais 20 coincidem com as do EALMG (excetuam-se Pedra Azul e Ipatinga). Tomando como base a distribuição do [ɾ] na carta 47 de isófono do EALMG, que mostra o /r/ retroflexo presente em quatro mesorregiões: 1. Campo das Vertentes, 7. Oeste de Minas, 8. Sul e Sudoeste de Minas e 9. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, verificamos que os pontos do ALiB que se localizam nessas mesorregiões são Lavras (Campo das Vertentes), Formiga (Oeste), Passos e Poços de Caldas, (Sul/Sudoeste), Campina Verde, Patos de Minas e Uberlândia (Triângulo Mineiro).

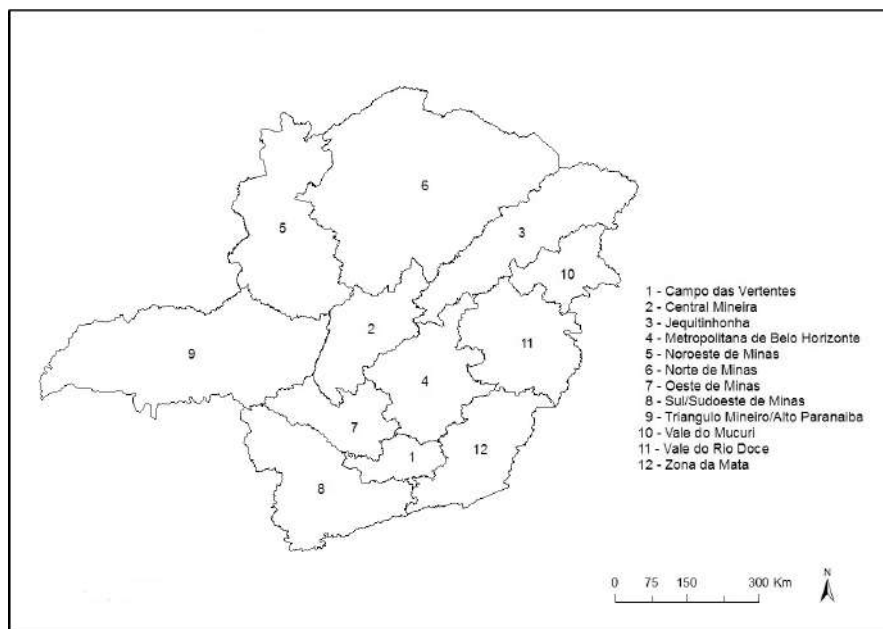


Figura 1: As mesorregiões do estado de Minas Gerais (material adaptado) Disponível em <http://www.mapasparacolorir.via12.com/mapa/estado/mg/estado-minas-gerais-mesorregioes-nomes.jpg>. Acesso em 05/03/2011

Embora a recolha dos dados para o ALiB, em Minas Gerais, já esteja concluída em todas as localidades das quatro mesorregiões em que ocorre o [r], compusemos, para este estudo, o 2º *corpus* somente com os dados obtidos em Lavras. O material sonoro foi recolhido em 2010 pela equipe do ALiB-Paraná e compõe-se das entrevistas realizadas junto a quatro informantes lavrenses, subdivididos por sexo, duas faixas etárias (I: 18 a 30 anos e Faixa II: 50 a 65 anos) e com o nível Fundamental de escolaridade.

Quanto às perguntas selecionadas pelo Questionário Fonético-Fonológico (QFF) dos Questionários do ALiB 2001 (Comitê 2001), para descrever o /r/ em coda silábica, temos: (i) quinze perguntas cujas respostas trazem o rótico em coda interna. São as questões 12 (torneira), 22 (gordura), 27 (fervendo), 39 (árvore), 46 (borboleta), 62 (tarde), 65 (catorze/quatorze), 92 (pernambucano), 105 (certo), 110 (perdão), 144 (perfume), 148 (dormindo), 150 (perdida), 152 (perguntar) e 158 (esquerdo); (ii) 13 questões com respostas em coda final, sendo nove verbos no infinitivo: questões 18 (varrer), 36 (botar), 43 (montar), 80

(trabalhar), 88 (rasgar); 146 (beijar), 151 (encontrar), 152 (perguntar), 153 (sair); e quatro nomes: 25 (colher), 26 (liquidificador), 61 (calor), 129 (mulher); (iii) 11 questões com /l/ em coda, passível de roticização: 17 (pólvora), 19 (almoço), 28 (sal), 45 (mel), 58 (sol), 89 (azul), 90 (Brasil), 93 (soldado), 98 (calção), 134 (alta), 143 (anel); além dessas, há quatro questões cujas respostas trazem contextos com o encontro consonantal /pr/ passível de metátese, como 3 (prateleira), 83 (prefeito), 107 (procissão) e 142 (braguilha).

No primeiro caso, isto é, dos róticos em coda silábica nas 15 variantes analisadas, os dados apontam que 48% dos informantes realizam o [ɾ] enquanto 52% realizam o glotal [h] ou [ɦ]. Embora o *corpus* se constitua de dados obtidos de um número reduzido de informantes e de palavras, verificamos que *árvore*, *catorze*, *perguntar* e *esquerdo* são as palavras que mais favorecem o [ɾ] e as que menos favorecem são *gordura*, *fervendo*, *certo*, *perfume* e *perdão*. Quanto às variáveis sociais, observamos que tanto os informantes da faixa I como os da faixa II alternam a realização de [ɾ] com [h/ɦ]. Entre os mais jovens, o [ɾ] representa 53% (16/30) e, entre os idosos, 43% (13/30). Quando consideramos a variável sexo, os homens realizam 60% (18/30) de [ɾ] e as mulheres 37% (11/30). O mais interessante é que as maiores porcentagens de [ɾ] concentram-se na fala do informante jovem com 100% (15/15) de realizações e na da informante da faixa II com 67% (10/5).

No segundo caso, o rótico em final de palavra, na fala dos lavrenses investigados, tem dois comportamentos: (i) em verbos no infinitivo, a norma é a queda do /r/: 75% (27/36); (ii) nos nomes, a tendência é a realização da glotal (50%), seguida da retroflexa (25%) e da queda do /r/, também com 25%, que se dá apenas em *liquidificador* e *mulher*.

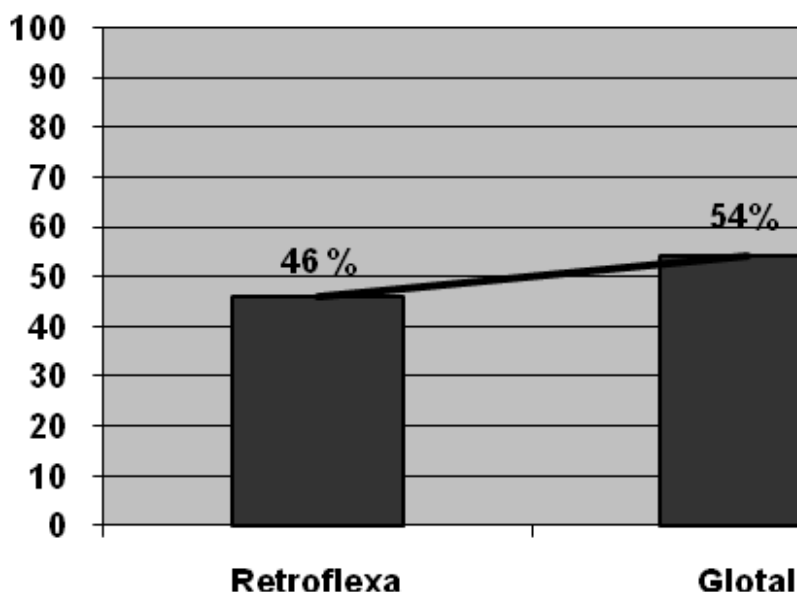
No caso de /l/ em coda, cuja roticização é bastante frequente, sobretudo na linguagem rural, conforme enfatiza Amaral (1920, p. 52) e documentam alguns atlas já publicados (APFB, ALPB, ALSE I e II, ALPR I e II), em Lavras, neste contexto, a lateral se manteve nos registros dos quatro informantes.

Finalmente, sobre as respostas com encontro consonantal, apenas a da questão 142 para *braguilha* deu origem à metátese na fala de três informantes: os informantes 2 e 3 que apresentaram a variante com a glotal e a informante 4 com a retroflexa. No caso de *prateleira/parteleira*, apenas o informante 1 apresentou a forma metatética e com o [ɾ]. Nos registros de *prefeito* e *procissão*, permaneceu a forma padrão, isto é, sem metátese, na fala de todos os informantes.

Computando todos os registros de /r/ em coda, verificamos a

ocorrência de 83 róticos distribuídos entre as variantes retroflexa e glotal, esta última a mais recorrente, entre os lavrenses, seguida da retroflexa. No gráfico 1, podemos observar os resultados gerais, isto é, sem a interferência das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para este estudo.

Gráfico 1: Realização da retroflexa e da glotal nos dados do ALiB coletados em Lavras – MG.



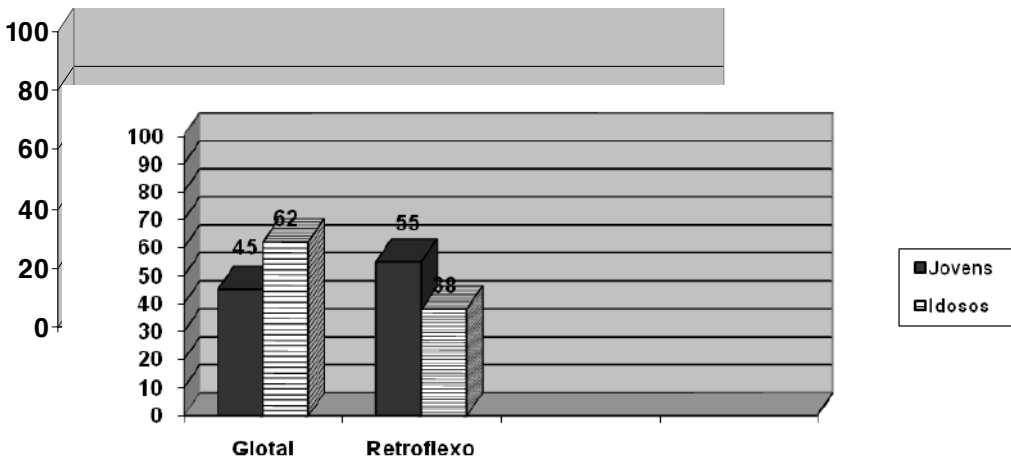
Esta oscilação entre a variante glotal e a retroflexa pode ser documentada também com as cartas do EALMG, conforme expusemos acima, do qual constam duas variantes de rótico em coda: a velar, que se distribui pelas localidades situadas ao norte e centro-norte do estado, e a retroflexa, que se concentra no sul e sudoeste mineiro. Nos dados do ALiB, esta oscilação entre retroflexa e consoante posterior, no caso a glotal, ainda permanece, uma vez que esta detém 54% dos registros e aquela 46%.

Esses dados, para melhor visualização, agora tratados segundo as variáveis sexo e faixa etária, são apresentados nos gráficos 2 e 3.

Gráfico 2: Produtividade dos róticos segundo a variável diassexual

Os dados coletados para o ALiB, em Lavras, são favoráveis à glotal tanto na fala masculina como na feminina, as mulheres apresentando um percentual mais elevado dessa variante que os homens. A retroflexa se mostra, discretamente, mais produtiva na fala dos homens.

Comparando a fala dos jovens (faixa I) com a dos menos jovens (faixa II), elaboramos o Gráfico 3:



Os dados agora mostram que os jovens, com uma diferença de 10% sobre a glotal (45%), são mais favoráveis à retroflexa (55%) que os da Faixa II, que registram a glotal em 62% dos dados contra 38% da retroflexa.

Embora os dados sejam bastante reduzidos, submetemos os casos de /r/ em coda (interior e final de palavra) ao tratamento do Goldvarb para verificar se haveria alguma distorção se comparados com os dados

percentuais. O programa indicou a variante do /r/ mais recorrente na localidade estudada e as variáveis linguísticas e extralinguísticas que propiciaram as ocorrências do [ɾ], conforme expomos na sequência.

As variáveis linguísticas que nortearam a análise foram o contexto interno e externo do rótico e a classe de palavras a que pertencia o vocábulo, isto é, nomes e verbos. Já as extralinguísticas referem-se à idade e ao sexo dos informantes.

2.1 Análise segundo as variáveis linguísticas

O programa apontou que a significância das variáveis linguísticas não foi relevante para a recorrência do [ɾ], pois, de acordo com as diretrizes do Goldvarb 2001, se o peso relativo for superior a 0,50, considera-se como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,50, é pouco favorável; e se for exatamente 0,50, ou próximo dele, é neutro. Vejamos os números na Tabela 1.

Tabela 1: Peso relativo das variáveis linguísticas na realização do [ɾ]

Variáveis Linguísticas	Peso relativo
Contexto Interno	0,530
Contexto Externo	0,327
Verbos	0,504
Nomes/ substantivos	0,499

Como podemos observar na tabela 1, o contexto interno tende a favorecer a ocorrência do /r/ retroflexo, embora se manifeste fracamente; o contexto externo, por sua vez, não se mostrou favorável ao [ɾ]. Quanto à classe de palavras, tanto os verbos quanto os nomes estão muito próximos da neutralidade.

2.2 Análise segundo as variáveis extralinguísticas

Quando os dados são submetidos às variáveis extralinguísticas, os resultados apontam influências diasssexuais e diageracionais no uso do [ɾ].

Tabela 2: Peso relativo das variáveis extralinguísticas

Variáveis Extralinguísticas	Peso relativo
Sexo masculino	0,605
Sexo feminino	0,402
Faixa etária 50-65	0,432
Faixa etária 18-30	0,581

Os pesos relativos retratados na tabela 2 indicam que os homens são mais sensíveis à utilização da variante retroflexa (PR=0,605), seguidos dos jovens (PR=0,581).

Como o universo de nossa pesquisa é bastante restrito, uma pesquisa mais ampla poderá trazer resultados mais significativos para a análise. O que chama a atenção, porém, é que, isoladamente, conforme expusemos acima, o homem jovem e a mulher idosa são os que mantêm o /r/ retroflexo. Seria uma constatação contraditória se não considerássemos que a produtividade do [ɾ] no sul mineiro, na década de 70, já estava em variação, pelo menos na fala daquele único informante (o jovem do EALMG). Hoje, decorridos mais de 30 anos, a informante de 56 anos (da faixa II do ALiB) ainda preserva a retroflexa na maior parte dos registros, sugerindo que a implementação da glotal nos diversos níveis sociais (escolaridade), nas várias faixas etárias e em ambos os sexos, se ocorrer, a mudança ainda se fará de forma lenta.

A manutenção dessa alternância entre [ɾ] e [h] fica muito evidente quando verificamos que o homem jovem realiza exclusivamente a variante retroflexa; na fala da mulher jovem é a glotal que prevalece, embora a retroflexa não esteja totalmente descartada em seus registros (15% no total de dados).

Por um lado, se admitirmos, como López Morales (1993, p.126), que “la lengua refleja este hecho social: el habla de las mujeres no sólo es diferente al habla de los hombres sino que es mejor socialmente hablando”, teremos que propor pesos diferentes para descrever as variantes de ambas as mulheres (da faixa I e da faixa II) e igualmente para os homens de faixas etárias diferentes, já que ambos apresentaram tendências extremamente opostas na realização do rótico em coda: o 1º com 100% de retroflexo e o 2º com 82% de glotal.

A pergunta que fazemos: ‘se essa variante, em posição de coda silábica, está perdendo espaço para outros registros de rótico no PB’ ainda deve permanecer sem resposta, uma vez que sobre a língua são múltiplos os fatores que podem direcionar para a mudança, para a variação ou para a manutenção de alguns aspectos, sejam eles fonéticos, lexicais ou morfossintáticos.

Sobre este questionamento, é interessante verificar a resposta dada pela informante idosa sobre a questão 4 das perguntas metalinguísticas dos Questionários do ALiB (Comitê, 2001, p. 46). A entrevistadora indaga se em outros lugares do Brasil fala-se diferente de Lavras e a informante comenta que, em alguns lugares, falam. O diálogo prossegue da seguinte forma:

INQ.: E aqui as pessoas falam [pɔɾta]?

INF.: Fala, algumas fala [pɔhte].

INQ.: Ah tá, não é todo mundo?

INF.: Não.

INQ.: E você, qual você acha mais bonito? Falar [pɔɾta] ou falar [pɔhte]?

INF.: Eu acho [pɔhte], [pɔɾta] eu acho muito... [...] mais grosseiro né, a gente fala mais grosseiro né.

INQ.: Você acha?

INF.: Eu acho, [pɔhte] é mais delicado [...] agora, [pɔɾta] é mais grosseiro né.

Verificamos que existe uma atitude negativa diante da variante retroflexa por parte dessa informante, embora seja a variante que predomina em sua fala. Tal fenômeno se deve, muitas vezes, ao fato de as pessoas crerem que, se produzirem o [ɾ], serão vistas com menos prestígio na sociedade ou, até mesmo, serão julgadas como “caipiras”. Trata-se, portanto, de atitudes baseadas em componentes subjetivos, baseados no falar feio ou bonito, falar delicado ou grosseiro.

3. Algumas considerações finais

Como objetivo para este artigo, propusemos analisar a situação da variante retroflexa em Lavras-MG, a partir dos dados coletados para o ALiB, comparando-os com aqueles obtidos no final da década de 70 para o EALMG. Antes, porém, consideramos importante apresentar o grau de vitalidade e de distribuição diatópica de cada variante rótica em coda, em alguns atlas estaduais e no único atlas regional de que dispomos. Verificamos que, no EALMG, as cartas que traziam o /r/ em coda já apontavam, no mesmo e único informante, uma oscilação entre o /r/ retroflexo e outro realizado na porção posterior da cavidade bucal – o /r/ velar, variante que se irradiava para o norte, oeste e leste do Estado.

Nos dados atuais, coletados para o ALiB em Lavras, permanece a mesma oscilação, agora entre o retroflexo e o glotal, com a ressalva de aquele ter sido mais produtivo na fala do homem jovem e na da mulher idosa. Esta, apesar de produzir, predominantemente, o [ɾ], demonstra sua deslealdade linguística ao avaliar esta variante como *feia* e *grosseira*, portanto, estigmatizada na comunidade lavrense. Esta atitude de desprestígio em relação ao retroflexo pode ser um fator que vá desencadear a diminuição da força dessa variante, caso outros fatores mais relevantes não intervenham. Só o tempo, porém, e pesquisas mais verticais na localidade poderão dizer da caminhada futura do [ɾ] pelas veredas de Minas Gerais.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. "A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas linguístico do Brasil PR: um estudo geosociolinguístico". In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (org.). *Estudos em Fonética e Fonologia no Brasil*. Goiânia: GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL, 2009, pp. 1-14.
- ALMEIDA, Manoel M. S. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 7, n. 1, pp. 149-163, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo Vílson. "Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil". In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005, pp. 177-208.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976 [1920].
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. "O /R/ implosivo no Norte do Estado do Rio de Janeiro". In: PEREIRA, Cilene C.; PEREIRA, Paulo R. D. (orgs.). *Miscelânea de estudos linguísticos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. pp. 49-58.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. "Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural". In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997, pp. 61-69.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. "Nas trilhas do –R retroflexo". *Signum: estudos da linguagem*. Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.
- CALLOU, Dinah. "Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil". In: KOCH, I. V. (org.). *Gramática do Português falado: desenvolvimentos*. Campinas, Unicamp, 1997, v. VI, pp. 465-493.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas linguístico de Sergipe*. II. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CASTRO, Vandersí Sant' Ana. *O r "caipira" em São Paulo: estudo com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*. Comunicação apresentada no SILEL, Uberlândia, 2009.
- COHEN, M. Antonieta. "O "R" retroflexo no português brasileiro: descrição e percurso histórico". In: RAMOS, Jânia M. (org.). *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. CD-ROM.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

HEAD, Franklin Brian. "O estudo do r-caipira no contexto social". *Revista de Cultura Vozes*, v. 67, n. 8, pp. 43-49, 1973.

HEAD, Franklin Brian. "Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 1, pp. 21-34, 1978.

HEAD, Franklin Brian. 'Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do "R Caipira"'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 13, pp. 5-39, 1987.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo Vílson. *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*, v. 1 – Introdução, v. II – Cartas fonético-fonológicas. Porto Alegre: UFRGS/Florianópolis: UFSC/Curitiba: UFPR, 2002.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.

MONARETTO, Valéria N. O. "Análise sociolinguística da vibrante no sul do Brasil". *Graphos*, João Pessoa, v. 2, pp. 25-34, 1995.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

SILVA NETO, Serafim da. "Um traço de pronúncia caipira". In: __. *Língua, cultura e civilização, estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. "Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais". In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005, pp. 45-72.

Resumo

O fato de sociolinguistas considerarem o /r/ retroflexo ou caipira como estereótipo, uma forma estigmatizada pelos falantes do Português Brasileiro (Tarallo, 1985), e esta variante de rótico estar distribuída, principalmente, pelo interior de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, parte dos estados do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, nos leva a indagar se essa variante, em posição de coda silábica, está perdendo espaço para outros registros de rótico no PB. Para responder a questão, propomos um estudo acerca da ocorrência do /r/ retroflexo na fala sul mineira, alicerçado em dois *corpora*: o primeiro constituído dos registros nas cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG – (Ribeiro et al., 1977), em 51 municípios; e o segundo, com os dados coletados recentemente para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em Lavras, no sul de Minas Gerais, localidade em que o /r/ retroflexo era bastante produtivo no atlas de 1977. Passados mais de 30 anos entre ambas as recolhas, propomos: (i) verificar, nas respostas dadas aos Questionários Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, nessa localidade, a manutenção e/ou mudanças que possam ter ocorrido em relação à frequência de uso do /r/ retroflexo; (ii) discutir, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, as possíveis causas da manutenção ou da mudança no registro oral dos falantes atuais no que se refere ao /r/ retroflexo, tendo em conta variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Palavras Chave: /r/ retroflexo; Atlas Linguístico do Brasil; Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

Abstract

The fact that sociolinguists stereotype the retroflex /r/, considered a stigmatized form by speakers of Brazilian Portuguese (Tarallo, 1985), and that this variant is distributed mainly through the interior of São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, parts of the states of Mato Grosso, Goiás and Minas Gerais, made us question whether this variation is losing ground to other

recorded rhotic in BP. In order to answer this question, we propose a study on the occurrence of the retroflex /r/ in the speech in southern Minas Gerais, based on two corpora: the first one consists in the maps of the Outline of a Linguistic Atlas of Minas Gerais – EALMG – (Ribeiro et al., 1977), in 51 cities; and the second one is the data recently collected for the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), in Lavras, south of Minas Gerais, place where the retroflex /r/ proved to be very productive in the records of the 1977 Atlas. After more than 30 years between the two collections, the aim of this study is to: (i) analyze the replies to the ALiB's Phonetic-Phonological Questionnaire (QFF) in this city to check if the occurrences of the retroflex /r/ are maintained or if there has been changes in relation to its frequency; (ii) discuss, on the basis of the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistic Variation, the possible causes of the maintenance or change in the speech of the speakers with regard to the retroflex /r/, taking into account linguistic and extralinguistic variables.

Keywords: retroflex /r/; Linguistic Atlas of Brazil; Outline of a Linguistic Atlas of Minas Gerais.